

Painel: “O etnógrafo: um profissional reflexivo”

Participantes:

Amélia Frazão-Moreira (Universidade Nova de Lisboa)

Título: “Um terreno com vários campos - reformulações teóricas num estudo na intersecção da Antropologia da Educação com a Etnobotânica”

Darlinda Moreira (Universidade Aberta, Lisboa-Portugal)

“As inflexões do olhar antropológico sobre a escolaridade de jovens na interacção etnográfica com famílias de meios populares da periferia de Lisboa”.

Manuela Ferreira (Universidade do Porto, Portugal)

Título: “Estou aqui porque queria aprender com vocês...” - reflexões teóricas desencadeadas a partir de um estudo etnográfico com crianças em Jardim Infantil

Telmo H. Caria (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real-Portugal)

Título: “O efeito de um terreno com professores na teoria e na formação do etnógrafo”

Resumo da apresentação do Painel por Telmo H. Caria

A descrição da investigação etnográfica como uma arte, tem servido em muitas circunstâncias para dar aos textos etnográficos um cunho exclusivamente literário e expressivo, mesmo intimista, centrado apenas assumidamente, no ponto de vista do etnógrafo-escritor, como se a interacção no terreno com os actores-grupos em estudo não fosse atravessada por regularidades, relações de poder, reciprocidades e conflitos de sentido variados, que conhecemos da teoria social e educativa de que somos cultores.

É esta visão da experiência etnográfica que procurámos evidenciar no livro que publicámos em 2002 (com o título *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*, ver índice em anexo) quando relatámos e teorizámos a influência do etnógrafo no terreno como parte integrante da epistemologia da etnografia (“estar com...”) e não como um facto a evitar ou a minimizar (“fazer de conta que se está com...”), como faz o positivismo metodológico. Assim, o olhar do etnógrafo, a sua observação, a sua participação, etc, supõe saber interpretar e reagir às interacções que ocorrem, isto é, saber lidar com os problemas do contexto, tal qual Donald Shon fala das situações problemáticas que organizam o saber e a reflexão de um qualquer profissional que recuse reduzir a sua prática a ser um instrumento de uma racionalidade externa. Este é o nosso primeiro propósito neste painel.

Mas não pretendemos ficar por aqui, pois a profissionalidade do etnógrafo tem uma outra vertente: perceber como é que é usada a teoria para explicar-interpretar o que ocorre e que não depende, nem

é influenciado, da/pela acção do etnógrafo, porque tem a ver com o modo como um determinado grupo social reproduz a sua própria cultura local, de uma forma continuada e durável. Nos termos de Shon trata-se de saber o que é o uso da *teoria como guia* na investigação etnográfica, isto é, como é que na etnografia o terreno tem um impacto relevante na teoria, de modo a que esta não tenha apenas um uso mecânico e aplicado, como se o terreno apenas servisse para provar o que hipoteticamente já sabemos, como se o social estudado fosse, como pressupõe o positivismo epistemológico, inteiramente ou tendencialmente previsível e estável.

Este uso dedutivista da teoria tem sido continuamente criticado na literatura científica etnográfica, mas ao mesmo tempo pouco se descreve e pouco se relata sobre o modo como surgem conflitos sócio-cognitivos durante e após o trabalho de terreno. Para nós, trata-se de saber como é que lidamos com a situação que resulta da existência de contradições e tensões entre as teorias científicas instituídas (que nos guiam) e os dados que construímos através da experiência etnográfica. Este é o segundo propósito do nosso painel.

Participantes

Amélia Frazão-Moreira (Universidade Nova de Lisboa)

Título: “Um terreno com vários campos - reformulações teóricas num estudo na intersecção da Antropologia da Educação com a Etnobotânica”

Darlinda Moreira (Universidade Aberta, Lisboa-Portugal)

"As inflexões do olhar antropológico sobre a escolaridade de jovens na interacção etnográfica com famílias de meios populares da periferia de Lisboa".

Manuela Ferreira (Universidade do Porto, Portugal)

Título: “Estou aqui porque queria aprender com vocês...” - reflexões teóricas desencadeadas a partir de um estudo etnográfico com crianças em Jardim Infantil

Telmo H. Caria (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real-Portugal)

Título: “O efeito de um terreno com professores na teoria e na formação do etnógrafo”

Resumo da 1ª intervenção por Darlinda Moreira

Título: "As inflexões do olhar antropológico sobre a escolaridade de jovens na interacção etnográfica com famílias de meios populares da periferia de Lisboa".

A presente comunicação apresenta uma reflexão sobre o método de observação participante que foi usado para entender a relação diferenciada que famílias, de baixa educação formal e vivendo num bairro com problemas de inserção social, detinham com a escolaridade dos filhos.

Esta reflexão tornou-se indispensável porque embora desde o início fosse claro para a investigadora que a pesquisa que pretendia desenvolver exigia o método etnográfico de observação participante, este não surgiu como algo pronto a ser usado e realizado imediatamente. Foi necessário encontrar uma forma própria de o usar, uma forma que evidenciasse procedimentos específicos, nomeadamente, relacionadas com o modo de estar no terreno e com as dúvidas, os possíveis caminhos, as abordagens, as opções, as possibilidades reais do terreno e a disponibilidade do Outro, especificidades que só se foram revelando à medida que a investigadora ia avançando com a persistência de conhecer o campo antropológico.

Assim, descreve-se, em primeiro lugar, duas opções metodológicas tomadas na fase inicial da investigação cuja realização conduziu a situações problemáticas que geraram uma reflexão tanto sobre a forma de ultrapassar rupturas epistemológicas geradas no terreno, como com o quadro de hipóteses e a sua pertinência no campo antropológico considerado.

Resumo da 2ª intervenção por Manuela Ferreira

Título: “Estou aqui porque queria aprender com vocês...” - reflexões teóricas desencadeadas a partir de um estudo etnográfico com crianças em Jardim Infantil

Através da análise do dia-a-dia de 18 crianças de idades entre os 3-6 anos num Jardim de Infância público, situado em meio rural, durante um ano lectivo, pretendi mostrar as crianças como actores sociais envolvidos numa dupla integração social, no mundo adulto e num mundo de crianças. O argumento principal era de que só através da observação dos contextos de vida nos quais as crianças tecem as suas relações sociais com outras crianças e adultos era possível compreender como aqueles, sendo constantemente reinterpretados e apropriados por elas em função dos constrangimentos e oportunidades experimentados e construídos, lhes permitiam (re)produzir, por via da interacção, a sua própria cultura de pares e assim estabelecer processos de transição de conjunto a grupo de crianças organizado socialmente.

“- Estou aqui porque queria aprender com vocês...”, fala primeira com que iniciei as negociações da minha entrada no terreno com as crianças, justificando a minha presença ali, pretende, com base em exemplos concretos da pesquisa, reflectir algumas questões teóricas, metodológicas e éticas decorrentes do meu posicionamento numa perspectiva de investigação com crianças e dos processos de as pesquisar, nomeadamente:

I) o questionamento sobre o uso, a operacionalidade e as dificuldades que se colocam ao estudo das crianças quando para tal se convocam conceitos sociológicos que, produzidos por adultos para

estudar primeiramente o mundo adulto, acabam frequentemente por ser usados numa perspectiva adultocêntrica – tal é o caso da definição conceptual de interacção social e das sucessivas dificuldades com que a investigadora se confrontou durante o trabalho no terreno com as crianças, nomeadamente aquando da captação e registo das acções observadas: “- Quando começa uma interacção social?”; “- Quando é que acaba?”; “- O que é que constitui o “fio condutor” de uma interacção social? Os actores que nela participam? O conteúdo temático da interacção?”; “- E quando os participantes a interrompem para depois a retomar, retomando a temática inicial? E quando os participantes iniciais abandonam a interacção mas ela prossegue no mesmo contexto o seu conteúdo temático com novos participantes? Estamos perante uma mesma interacção, interacções diferentes ou diferentes momentos de uma interacção?”

II) a inclusão na problemática teórica de novas problemáticas que não sendo ou estando além das preocupações iniciais da investigadora, demonstraram e se afirmaram, sobretudo aquando da interpretação e análise dos factos observados, como sendo absolutamente relevantes e incontornáveis para uma compreensão das relações sociais das crianças, privilegiando os seus pontos de vista. No estudo sociológico das crianças, tal foi o caso do recurso aos Estudos de Género e sua articulação/inclusão com a Sociologia da Infância, o que, em consequência, suscitou o questionamento sobre o uso, a operacionalidade e as dificuldades que se colocaram quando a investigadora se confronta com a escassez de estudos neste campo disciplinar com crianças no JI ou quando os estudos de género produzidos se referem a crianças que frequentam a escola primária e privilegiam as situações de recreio e não as de sala de actividades.

Resumo da 3ª intervenção por Amélia Frazão-Moreira

Título: “Um terreno com vários campos - reformulações teóricas num estudo na intersecção da Antropologia da Educação com a Etnobotânica”

O objectivo desta comunicação será abordar os problemas metodológicos e teóricos da investigação etnográfica em educação, partindo de exemplos concretos da minha pesquisa acerca das racionalidades sociais locais, entendidas através do estudo das diferenças nas formas de classificar o mundo vegetal de acordo com os processos de educação de que os indivíduos são sujeitos, no contexto do povo nalu da Guiné-Bissau.

O objectivo será equacionado em torno dos seguintes elementos:

- a reflexão sobre os critérios de selecção de teorias de diferentes campos disciplinares e sobre a operacionalidade de evocar diferentes quadros conceptuais na interpretação dos factos observados
- "o efeito da formação académica";

- os enviesamentos dos objectivos de pesquisa com base nas condições de trabalho e na implicação e experiência do investigador - "o efeito da vivência";
- a reformulação da problemática teórica no confronto com os factos que vão surgindo no desenvolver da pesquisa etnográfica - "o efeito do terreno".

Resumo da 4ª intervenção por Telmo H. Caria

Título: "O efeito de um terreno com professores na teoria e na formação do etnógrafo"

Quando iniciei o meu trabalho de campo com professores no final de 1992 tinha algumas ideias sobre o problema teórico que me interessava estudar. No essencial queria saber que uso e que sentido é que os professores no seu contexto de trabalho pedagógico davam ou podiam dar ao conhecimento abstracto que tinham tido acesso nos seus processos de educação formal. Tinha feito uma revisão da literatura científica durante um ano e meio e ela dava-me a segurança suficiente para pensar que o problema seleccionado tinha actualidade e pertinência científicas. Sem entrar no pormenor do processo de integração, negociação e adopção da minha presença pelos professores naquela escola, rapidamente me apercebi de dois fenómenos, contraditórios, que punham em causa a minha estratégia de investigação para poder esclarecer o problema que me guiava: (1) o essencial do trabalho pedagógico não era feito na escola, nem não era colectivizado pelo grupo no local, daí que a minha observação de interacções entre professores nos espaços informais da escola e nas reuniões não tinham qualquer relevância para o problema; (2) todas as tentativas que fazia para perceber o que era programado para as aulas, os materiais que eram construídos, o que era reflectido sobre as aulas e o que era avaliado à posteriori (todo o processo de trabalho), deparava com a resistência dos professores em falar sobre o assunto, pois como rapidamente percebi o grupo na Escola não falava entre si sobre tais temas, trata-se de uma matéria do estrito foro individual e privado.

Eu estava a pôr em causa algo que era interdito ao grupo. De facto, estava a pretender que o grupo se comportasse comigo de um modo que não era o modo comum de o fazerem entre eles.

O que me restava então do meu objecto de investigação, perguntava para mim mesmo? Como é que então eu poderia perceber o processo e a organização do trabalho pedagógico dos professores?

É a resposta a estas duas questões que serão apresentadas nesta comunicação, descrevendo em pormenor as minhas ideias iniciais, o modo como a teoria social que me guiava no terreno estava em conflito com o modo local de viver a profissão de professor e finalmente as "soluções conceptuais"

que encontrei na altura e mais tarde, quando revi este trabalho de investigação em confronto com outras etnografias de outros grupos profissionais.